



Trump apresentou um plano para completar a limpeza étnica e a colonização da Palestina. Segundo algumas informações, a resistência aceitou alguns termos. Netanyahu disse que reduzirá a “atividade militar”, mas continua com os massacres. As burguesias árabes se submeteram à farsa e visam fazer negócios com o sangue palestino derramado. O governo Lula aplaudiu o plano de Trump e continua deixando Israel fazer negócios e atuar em nosso país impunemente. Quase todas as direções sindicais e políticas parecem estar mais interessadas nas eleições que em mobilizar suas bases para impor a ruptura imediata de todas as relações com Israel com a luta de classes. Enquanto isso, palestinos morrem às dezenas e centenas de ativistas da Flotilha foram sequestrados.

Agora é o momento de combater os governos e a burguesia com os métodos e estratégia da luta de classe para impor a ruptura total de relações com Israel, e ajudar à derrota e expulsão do sionismo e imperialismo do Oriente Médio e dos países oprimidos!

 Nos últimos dias, destacaram-se cinco fatos que condicionam a situação política nacional e mundial em que se cumprem dois anos do começo da nova fase do holocausto e limpeza étnica que realiza o sionismo contra os palestinos. São esses: **1)** o fracasso da 80º Assembleia da ONU em frear o genocídio; **2)** apresentação do plano de colonização e limpeza étnica da Palestina por Trump, **3)** terrorismo de estado praticado por Israel contra a Global Sumud Flotilha e **4)** alinhamento subordinado de Lula ao plano defendido pelos EUA; **5)** aceitação da resistência de alguns termos do acordo e a rejeição desse por Netanyahu. Sem uma clara compreensão das implicações que esses fatos trazem para a luta de classes e para a política das organizações, não haverá como fazer qualquer avanço progressivo na luta pela autodeterminação da Palestina e o fim dos massacres.

A 80º Assembleia da ONU foi uma lápide colocada sobre o corpo insepulto dos direitos humanos defendidos pela burguesia. Os discursos de Trump e Netanyahu tiveram

por denominador comum sua disposição a impor seus interesses pela força, recorrendo aos massacres se for preciso. Se de um lado Trump ameaçou travar a guerra comercial e militar contra qualquer país que se interponha em seus objetivos, Netanyahu declarou (em alto e bom som) que nunca haverá autodeterminação dos palestinos. Os ministros israelenses estão propondo negócios imobiliários e energéticos bilionários à burguesia imperialista, sionista e árabe pela reconstrução e posse da Palestina. Os discursos de Macron e Lula reconhecendo formalmente o Estado Palestino não passa de encenação teatral importante perante a maior e decisiva força imperialista do mundo, que junto a seu vassalo sionista, já decidiu qual será o futuro das regiões palestinas colonizadas. O discurso desses açougueiros demonstra que acima de tudo estão os lucros burgueses extraídos dos ossos e o sangue dos explorados e oprimidos.

Finalizou a Assembleia da ONU, e Trump apresentou seu plano para colonizar Gaza. Para os palestinos, é uma armadilha que visa impor sua capitulação e transformar Gaza

em uma futura colônia de Israel - preservando momentaneamente esse de afundar ainda mais no isolamento - sob controle dos EUA. É tão farsesca a proposta que é o patrocinador do açougueiro dos palestinos que decidiu apresentar a sua vítima um “perdão” desde que capitulem e abandonem seu direito à autodeterminação nacional. Mas, para isso precisam do desarmamento da resistência palestina e que os palestinos saiam de Gaza “pacificamente”. Assim, se legitimaria a ocupação colonial para que um “consórcio” imperialista administre os futuros negócios dos monopólios e do capital financeiro com a reconstrução de Gaza. Se os palestinos não aceitarem, Trump se encarregará de ajudar Israel a completar seu extermínio.

Deve-se denunciar firme e decididamente como cúmplice do genocídio e da limpeza étnica a qualquer governo que se submeteu à farsa montada entre Trump e Netanyahu. Deve-se responder à ameaça da aniquilação dos palestinos - e de qualquer povo - com a guerra total das massas árabes e mundiais contra o imperialismo, o sionismo

e os governos árabes. Não há outro caminho que unificar a resistência e as lutas em defesa dos palestinos sob um programa de estrangulamento de Israel e de derrota do imperialismo. A resistência decidiu aceitar alguns aspectos do acordo para tentar ajudar o seu povo a ter um respiro. Netanyahu finge estar interessado em negociar, mas logo recomeçará os massacres sobre qualquer falsa justificativa, sempre de comum acordo com Trump.

É nesse quadro que a Flotilha que se dirigia a romper o cerco de Gaza foi interceptada e sequestrada centenas de militantes pelo estado terrorista de Israel. Isto acontecia aos olhos nus de todos governos e da mídia burguesa, sem que houvesse qualquer ação em defesa da Flotilha e dos cidadãos de 44 países entre os mais de 600 de seus membros. Abandonou-se a sua própria sorte aos palestinos e aos que lutam em sua defesa arriscando sua própria vida. O genocídio foi naturalizado e incorporado aos métodos da política interna e externa das potências imperialistas e seus vassalos como um meio de impor sua vontade e fazer seus negócios. Nesses negócios estão associadas às frações da burguesia e da política burguesa no Brasil. Aço, petróleo ou seus derivados, compra de armamento e produtos químicos, tecnologia digital e software são comprados ou vendidos enriquecendo setores da burguesia nacional e imperialista, sem que Lula não mexa uma pá para bloqueá-los. Enquanto a Flotilha era sequestrada, Mauro Vieira em nome de Lula aplaudia o plano de Trump. Agora que Netanyahu rasgou o acordo, é obrigação das direções políticas e sindicais impor ao governo Lula que rompa com Israel!

Se não fazr, será mais uma traição de Lula, desta vez contra todas/os corajosas/os e valorosas/os militantes de organizações da base aliada de seu governo que compõem a Flotilha arriscando suas vidas e enfrentando ameaças de tortura nas prisões israelenses. Se de um lado a presença de brasileiros na "ação pacífica" orientada a pressionar as instituições da burguesia tem servido às direções sindicais e

políticas governistas a arrastar aos atos um setor das massas que apoia eleitoralmente esses partidos, de outro, tem mostrado toda hipocrisia e dupla moral dos partidos nos quais militam muitos membros da Flotilha que mantém na paralisação os sindicatos quando poderiam, há mais de um ano, estarem organizando ações diretas de operários e assalariados para impor a ruptura de relações com Israel.

Muitas organizações e partidos falaram de que não se pode tolerar mais o genocídio e que se devia parar todo se os membros da Flotilha fossem presos. O genocídio continua e a Flotilha foi sequestrada pelos sionistas e, ainda assim se negam a convocar os sindicatos e movimentos que dirigem para fazer greves, ocupações, bloqueios e piquetes que paralisem as empresas, fábricas e portos desde as que saem mercadorias e entram produtos dos quais Israel se utiliza para continuar massacrando palestinos e roubando suas terras e recursos. Isso sim: gostam de falar nos atos que são convocados para ressaltar suas figuras midiáticas ou seus candidatos e podem fazer campanha eleitoral, enquanto rejeitam organizar manifestações radicalizadas que interrompam de fato os negócios da burguesia e obriguem o governo a passar da retórica e choramingos às medidas e ações concretas que golpeiem a Israel.

Essa atitude de subserviência criminosa a um governo que continua negociando com o estado genocida de Israel, e que rasgou até o mais elementar das obrigações jurídicas dos estados assinantes da Carta da ONU, enquanto na Europa deflagraram greves e manifestações de massas contra o sionismo, dá conta do profundo abismo que existe entre as massas e a burguesia, seus governos e seus agentes políticos no movimento sindical. Negócios, lucros e eleições se entrelaçam demonstrando a real natureza dos partidos democratizantes que se submeteram à burguesia imperialista e servem de atores de reparto em um decorado arrumado para fazer da limpeza étnica dos palestinos um fato já irreversível.

Ora, se em algumas universidades foram rasgados acordos acadêmicos com Universidades israelenses sob pressão do movimento estudantil, o que não se poderia fazer com greves, ocupações e bloqueios de portos e empresas que lucram com o massacre dos palestinos? Isso demonstra a urgência de expulsar os burocratas e recuperar os sindicatos para a luta de classes e combater o governo burguês de Lula que continua favorecendo os negócios da burguesia que se realizam ao custo do sangue derramado pelos genocidas do povo palestino. Como assinalamos no Manifesto do dia 13/09 (nº 84), é *"urgente impor aos burocratas sindicais a convocatória e organização de assembleias gerais para aprovar greves, ocupações e bloqueios de portos e aeroportos, paralisando as exportações para Israel"*.

A vitória dos palestinos só será possível com a luta unitária, internacionalista e revolucionária das massas mundiais, sobretudo, da classe operária. Mas, para isso é mais que urgente reconstruir a direção mundial do proletariado que abra caminho à estratégia da revolução e ditadura proletárias, organizando uma luta unificada e mundial para ajudar aos palestinos a destruir o estado de Israel e expulsar os sionistas e imperialistas do Oriente Médio. É lutando sob a estratégia de um estado Palestino, uno e socialista, erguido sobre os escombros do estado sionista, e sob a tática da frente única anti-imperialista, que se abrirá caminho à conquista da autodeterminação nacional do povo palestino. É sob a bandeira da revolução social nos países e potências capitalistas que se varrerá com a burguesia e seus agentes políticos nos governos e sindicatos, traçando a via que acabará com a barbárie capitalista. Por isso, nosso país, está colocada a tarefa de derrubar os governos burgueses, expropriar a burguesia e erguer um estado operário sobre a base da propriedade nacionalizada, que finalmente se erguerá como um farol da luta e da solidariedade revolucionária e internacionalista com as lutas dos povos oprimidos. ● —